



GT17 – Filosofia da Educação – Pôster 204

MONTAGEM DO PENSAMENTO E DA ESCRITA EM EDUCAÇÃO - CONVERSAÇÕES ENTRE DELEUZE E DIDI-HUBERMAN

Elisandro Rodrigues – UNISINOS

Betina Shuler – UNISINOS

Resumo

Intencionamos tomar o conceito de montagem operado na filosofia e nas artes por Deleuze e Didi-Huberman, realizando certa extração para compor uma problematização da montagem do pensamento e da escrita em educação. Entendemos que quando escrevemos em educação, sobre educação, para educadores, produzimos imagens de pensamento por meio de tais produções. Interessa-nos, então, apreender os funcionamentos desse conceito para opera-lo nos deslocamentos possíveis do que se pensa e se escreve em educação, uma vez que no Brasil são praticamente inexistentes as pesquisas que utilizam Didi-Huberman e o conceito de montagem na educação. Entendemos que tomar a escrita como imagem e montagem do pensamento poderia funcionar como certa problematização do pensamento dogmático em educação, contribuindo, assim, para os estudos em filosofia da educação.

Palavras-chave: Montagem. Escrita. Pensamento. Educação.

Nos domínios que tratamos aqui, o conhecimento existe apenas em lampejos. O texto é o trovão que segue ressoando por muito tempo. (BENJAMIM, 2009, p. 499).

Para deslocar essa conversação entre Deleuze e Didi-Huberman sobre o conceito de montagem, realizando uma aproximação com a educação, retomamos algumas considerações de Deleuze (2009) ao operar com a imagem-movimento no curso sobre o cinema. Em Didi-Huberman utilizamos, sobretudo, o livro *Diante do Tempo*, bem como textos e entrevistas nos quais o autor desenvolve o conceito.

Deleuze (2009) toma o conceito de montagem a partir da fórmula do cinema como uma sucessão de instantes em imagens equidistantes, sendo essa distância das imagens o que permite a uniformidade do tempo. Se nossa vivência se dá na composição das mesclas, dos estilhaços e fragmentos nós nos montamos a partir desses interva-

los. O movimento acontece nos intervalos, sendo uma sucessão de cortes móveis no tempo, em momentos equidistantes.

Os instantes quaisquer rompem com o movimento dialético das poses, dos momentos privilegiados, construindo-se no entre uma imagem e outra. Poderíamos dizer que a aproximação desses instantes quaisquer acontece pela montagem, o que remete para um pensamento não dualista, uma vez que opera com movimentos distintos para sermos capazes de fazer o novo. O instante qualquer é o que conecta a imagem, ou seja, uma montagem. Podemos encontrar formas de pensar por montagem, por exemplo, em Aby Warburg, W. Benjamin, M. Foucault, Sergei Eisenstein, Carl Eisntein, Brecht, George Bataille, F. Kafka, M. Proust, Godard. Didi-Huberman (2007) comenta que esses autores operam como um pensamento por montagem, tal como um procedimento de conhecimento. Didi-Huberman busca essas referências para discutir a montagem enquanto procedimento filosófico; princípio e criação artística e gesto político.

Entendemos com Didi-Huberman (2015) que a montagem se debruça para olhar como se dá a relação entre as coisa e ficar atento a essa escuta. Esse procedimento funcionaria desnaturalizando o olhar para funcionar com o conhecimento por desmontagem e montagem, problematizando a perspectiva da representação e do sujeito. Para o autor a montagem é a arte de produzir esta forma que pensa a diferença. Montagem, então, como uma aproximação e uma transgressão das fronteiras disciplinares, pois:

[...] entre as imagens de cada montagem – podem surgir outros nexos, a partir de associações, choques ou tensões entre as imagens, podem surgir relações inesperadas, outras constelações imprevistas, provocando uma série de inversões, rupturas, descontinuidades, emergências, anacronismos e sobrevivências. (JACQUES, 2015, p. 69-70).

Assim, opera conjuntamente com dois procedimentos, não dualizados, de desmontagem e montagem (DIDI-HUBERMAN, 2015). Desmontagem, que seria um movimento de sintomatologização, de interrogar a própria historicidade para pensar que imagens estão produzindo. Mas também movimentos éticos, estéticos e políticos de montagem de outras possibilidades. A montagem é a produção do novo, de um pensamento da criação (DELEUZE, 2009). Para montar necessita-se primeiro desmontar. Para montar é preciso repetir. Juntar imagens que inventem outras e novas relações, arriscar, fracassar. Isso é o que permitiria a união e a comunicação da diferença.

A partir disso, entendemos que esse conceito, que também é operado como procedimento, gesto criativo e político, pode operar deslocamentos importantes na escrita e no pensamento em educação. Isso porque buscaria entender quais são as ferramentas usadas na escrita em educação, quais autores, quais modos de olhar são produzidos, tomando a escrita como montagem textual que produz imagens de pensamento em educação, podendo ser imagens mais dogmáticas ou imagens mais diferenciais (DELEUZE, 2009). Trata-se de interrogar e objeto e o próprio modo de olhar como, o quê e porquê escrevemos em educação e do que estamos nos tornando no presente.

Tal modo de lidar com o pensamento em educação funcionaria com o saber como corte descontínuo, buscando produzir outras ficções educacionais. Como seria possível pensar em uma montagem em educação que fracture as coisas já feitas para gerar certo movimento? Isso não significa negar a tradição acumulada até aqui, mas produzir uma relação mais fabulativa e menos sagrada com a mesma. Como argumenta Skliar (2014), a escrita passa pelos processos de pertencimento cultural, de decifração de códigos, por moralização, por tipos de utilitarismos e pela identidade. Mas passa também pela dificuldade em suportar o mundo e a si mesmo, pela experiência do limite, pela necessidade de ficcionar outras realidades para se continuar vivendo. Entretanto, trata-se de um uso da ficção não como o outro da verdade (uma vez que a própria verdade é uma ficção que esqueceu sua condição), mas como invenção e afirmação.

Ao desmontarmos a escrita e o pensamento, temos a possibilidade de modificar sua configuração. Colocando-se na experiência de montá-los, podemos observar melhor os sintomas do presente e abrir frestas e possibilidades de pensar e escrever diferentemente em educação. Podemos criar pilhas, constelações, abrir novos trajetos no pensamento e conectar coisas habitualmente separadas, porque a montagem opera como um deslocamento, uma descontinuidade, indo de um espaço para outro, de um tempo para outro (DIDI-HUBERMAN, 2016).

Para tanto, o autor toma Benjamim para falar do processo de montagem enquanto método e forma de conhecimento. Dirá que o historiador remonta os restos, fragmentos históricos que conectam sentidos, porque se faz necessário para entender e desmontar a história. Ou seja, "não se pode jamais separar o objeto de um conhecimento e seu método – ou seja, seu estilo" (DIDI-HUBERMAN, 2015, p. 133). Assim, acreditamos não ser possível separar o modo como se escreve e se pensa em educação, problemati-

zando como somos subjetivados a um tipo de escrita e de montagem do pensamento, bem como cada vez mais vivemos a diminuição da experiência no presente.

Com isso a montagem pode ser tomada como um ato de compreensão pedagógica, como montagem dos sintomas do presente, um choque entre as imagens fazendo com que se produza uma outra (DIDI-HUBERMAN, 2015). A montagem como procedimento se ocupa dos trapos, dos pormenores que dão legibilidade a um conjunto de pensamento que desloca e inquieta. Montamos o pensamento colando nossas coleções de palavras (lidas, ouvidas, roubadas, pensadas, traduzidas). Somos montados por discursos que nos atravessam. As escritas produzidas em educação (artigos, livros, dissertações, teses, entre outras) se dão em específicos campos discursivos, em relações de forças que disputam sentidos e produzem modos de pensar e existir.

Por isso, quando Deleuze (2009) problematiza a imagem dogmática do pensamento é justamente para deslocar o pensar como solucionador de problemas, como explicação ou reflexão, para o ato de colocar problemas. O pensar estaria vinculado à experiência, uma vez que essa seria, “[...] fruto de um encontro com um signo alheio que desde sua exterioridade nos modifica, nos apaixona, nos faz padecer. Só pensamos quando somos provocados desde fora do nosso poder, de nosso saber, de nossa identidade pessoal” (LÓPEZ, 2008, p. 55).

Assim que escrever sobre educação implicaria pensar o que estamos vivendo nesse campo e como somos afectados, uma vez que maneiras de pensar e viver estão implicados nos modos de ler e escrever. Daí a necessidade de se escapar, em frestas, do senso comum, do bom senso, da reconhecimento, colocando em dúvida o próprio pensamento, fazendo criar aquilo que ainda não existe (CORAZZA, 2006).

Essa escrita operada por montagem, que funciona como procedimento filosófico na problematização dos efeitos de verdade e nossos modos de existência e que cria outras possibilidades pode ser pensada em suas dimensões éticas, estéticas e políticas. Desse modo, a escrita funcionaria como um gesto, um ato “[...] para ver se existe uma intensidade que produza alguns efeitos” (CORAZZA, 2006, p. 26).

Escrever sobre as imagens é inicialmente escrever. [...] É procurar todas suas energias na própria escritura, é abrir as possibilidades poéticas e filosóficas de conseguir algo – uma palavra, um texto, um estilo particular que daria conta dessa imagem particular – a partir de uma mudez primeira. É preciso, por isso, uma espécie de coragem: coragem de olhar, olhar ainda, coragem de escrever, escrever apesar de tudo. (DIDI-HUBERMAN, 2006).

A escrita e o pensamento em educação atravessados pelo conceito de montagem poderia, pois, produzir possibilidades de tomarmos a escrita como uma prática de si, como um modo mais intensivo de nos conduzirmos, como diria Aquino (2011). Um tipo de experiência que corte o saber, que transforme o que pensamos e o modo como vivemos, em brechas. Mas como pensar a diferença nas escritas em educação que vem funcionando majoritariamente na perspectiva da identidade e da representação? Existe uma montagem da escrita e do pensamento em educação? Como ela sobrevive? Resiste? Cria?

REFERÊNCIAS

AQUINO, J. G. *A escrita como modo de vida: conexões e desdobramentos educacionais*. Educação e Pesquisa. São Paulo, v. 37, n. 3, p. 641-656, set/dez, 2011.

BENJAMIN, W. *Passagens*. Belo Horizonte: UFMG, São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2009.

CORAZZA, S. M. *Artistagens*. Filosofia da diferença e educação. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

DELEUZE, G. *Cine I: Bergson y las Imágenes*. Buenos Aires: Cactus, 2009.

DIDI-HUBERMAM, G. *S'inquiéter devant chaque image*. [11 de outubro de 2006]. Paris: Vacarme. n. 37, 2006. Entrevista com Georges Didi-Huberman realizada por Mathieu Potte-Bonneville e Pierre Zaoui. Disponível em: <http://www.vacarme.org/article1210.html>. Acesso em 15 de agosto de 2014.

_____. *Un conocimiento por el montaje*. [Maio de 2007]. Madrid: Círculo de Bellas Artes, Revista Minerva, n. 5, 2007. Entrevista com Georges Didi-Huberman realizada por Pedro G. Romero. Revista Minerva n. 05. Madrid. 2007. Disponível em: <http://www.circulobellasartes.com/revistaminerva/articulo.php?id=141>. Acesso em 10 de maio de 2014.

_____. *Diante do Tempo: História da Arte e anacronismo das imagens*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2015.

_____. *Remontar, remontagem (do tempo)*. Caderno n. 47. Belo Horizonte: Chão da Feira, 2016.

JACQUES, P. B. *Montagem Urbana: Uma forma de conhecimento das cidades e do Urbanismo*. IN: JAQUES, Paola Berenstein; BRITTO, Fabiana Dultra (org). *Experiências metodológicas para compreensão da complexidade da cidade contemporânea*. Salvador: EDUFBA, 2015. p. 47-94.

LÓPEZ, M. V. *Acontecimento e experiência no trabalho filosófico com crianças*. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

SKLIAR, C. *Desobedecer a linguagem*. Educar. Trad. de G. Lessa. Belo Horizonte: Autêntica, 2014.